

**MALETA LITERÁRIA:  
COMO APROXIMAR A LITERATURA INDÍGENA DO PÚBLICO NÃO  
INDÍGENA NOS ANOS INICIAIS.**

Valdeni Benicio de Lira

**RESUMO**

A pesquisa tem como objetivo mostrar a importância da literatura indígena e de seus autores dentro do movimento literário e a necessidade de trazê-la para a prática cotidiana do público não indígena nos anos iniciais. A literatura indígena se mostra como um caminho para resgatar a história, a memória que traz consigo as marcas da ancestralidade, rica em valores, costumes, que atravessam o tempo por meio da oralidade. As histórias tradicionais foram recontadas por diversos autores não indígenas até chegar o momento presente em que os autores indígenas protagonizam suas próprias histórias, trazendo reflexões sobre as contribuições dos povos originários para a cultura brasileira e para a sociedade. O fortalecimento desse movimento pode contribuir para uma convivência respeitosa, visando a valorização da diversidade e a construção de uma identidade coletiva.

**Palavras-chave:** literatura indígena; ancestralidade; diversidade.

## INTRODUÇÃO

Durante muito tempo a literatura indígena foi vista como algo muito distante de nossa realidade, sendo tratada como um assunto do passado e não como uma temática do presente que se atualiza constantemente por meio das diversas culturas. A literatura indígena sempre existiu, sendo anterior a escrita e ao impresso e passada de geração em geração pelos ancestrais, por meio da oralidade dentro das comunidades indígenas, começou a ser escrita e publicada na última década do século XX, a partir da Constituição Federal de 1988.

O foco deste trabalho é diminuir a distância e o desconhecimento entre essa temática e o público não indígena, mostrar a importância de conhecer e valorizar a literatura indígena como fundamental instrumento de transformação e construção de identidade, trazer a literatura indígena como meio para conhecer as diversas culturas, valores ancestrais, romper com os estereótipos, com o preconceito e diminuir a exclusão social.

Um dos problemas mais comuns é a falta de conhecimento e a dificuldade dos profissionais em abordar o tema. Este problema afeta diretamente o acesso das crianças às diferentes manifestações culturais e prejudica a construção de identidade, individual e coletiva. Se faz necessário a oportunidade de experimentar o contato com a literatura indígena, reconhecê-la como importante manifestação cultural brasileira, conhecer a história, já que nossas ações e pensamentos mudam com o tempo, à medida que enfrentamos os problemas não só da vida pessoal, como também da experiência coletiva, para compreender o presente, quem somos e a que cultura pertencemos.

O objetivo deste estudo é descobrir meios para aproximar a literatura indígena do público não indígena nos anos iniciais, conceituar a literatura indígena, identificar sua contribuição e reconhecê-la como um caminho para resgatar nossa história e nossas raízes e analisar práticas metodológicas de abordagem nos anos iniciais.

O conteúdo apresentado neste artigo pode trazer benefícios para as crianças dos anos iniciais que ao ouvir outra versão da história poderão ir além dos fatos e dos acontecimentos e se abrirem para outras narrativas que permitirão conhecer a diversidade de manifestações culturais e romper com a

visão da história única. Para que elas possam crescer compreendendo as diferenças que existem entre as diversas culturas, suas trajetórias, suas lutas, pois somente por meio do conhecimento poderão desconstruir conceitos, estimular o diálogo acerca da pluralidade cultural e étnica, tornar cidadãos conscientes, capazes de valorizar e respeitar sua história e fortalecer as relações sociais.

É importante destacar que as informações aqui disponibilizadas, foram obtidas por meio de pesquisas bibliográficas, vídeos, artigos científicos encontrados no Google Acadêmico, leituras de livros como “O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil” do escritor brasileiro Darcy Ribeiro, “O Caráter Educativo do movimento Indígena Brasileiro” do escritor indígena Daniel Munduruku, Currículo da Cidade e BNCC.

## **1. A FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO**

Ao longo dos milênios, a costa atlântica foi ocupada por uma grande quantidade de povos indígenas que disputavam melhores colocações, se deslocavam para outras regiões buscando melhorias e se mantinham nessa mudança com grande frequência. Nos últimos séculos, os índios Tupi se instalaram à beira-mar e pelo Amazonas acima, e subindo os rios principais até suas nascentes, formando, desse modo, a ilha Brasil no chão da América do Sul, o que viria a ser nosso País. Falavam línguas do mesmo tronco, dialetos de uma mesma língua, se dividiam à medida que os grupos cresciam e logo começavam a se diferenciar, se desconheciam e se hostilizavam.

O conflito se dá com a presença de um protagonista novo, o Europeu, recém-chegado de além-mar, capaz de agir destrutivamente de várias formas, debilitando-os até a morte. Uma guerra se trava pela disputa de território, de suas matas e riquezas para outros usos, pela escravização do índio, pela gestação de uma etnia nova, que foi unificando na língua e nos costumes. Os índios que aqui viviam, os negros trazidos da África e os Europeus que aqui se instalavam, dando início um novo povo, era o brasileiro que surgia.

Surgimos da confluência, do entrelaçamento e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos. Nessa confluência, que se dá sob a regência dos portugueses, matrizes raciais dispare, tradições culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo [...], num novo modelo de estruturação societária. (RIBEIRO, 1995, p. 19)

Surgia uma nova etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, mestiçada. Um novo gênero humano, diferentes de quantos existiam, novo modelo de estruturação societária, uma nova forma de organização socioeconômica, fundada num tipo renovado de escravismo e servidão continuada ao mercado mundial. Esse povo pagou, historicamente, um preço muito alto em lutas das mais sangrentas de que se tem registro na história, sem conseguir sair da situação de dependência e opressão em que vive. Nessas lutas, índios foram dizimados e negros foram chacinados aos milhões, sem conseguir jamais, conquistar o comando de seu destino para reorientar o curso da história.

Segundo o autor Darcy Ribeiro (1995), parece impossível reconstituir esse modelo de estruturação e entendê-la em toda sua complexidade, uma vez que só temos o testemunho de um dos protagonistas, o invasor. É ele quem relata o que aconteceu aos índios e aos negros, que raramente tiveram a oportunidade de registrar suas próprias falas.

## **2. LITERATURA INDÍGENA**

Ocorre no início de 1980 uma abertura política, fruto da mobilização popular onde os povos indígenas participaram de diversas formas e trouxeram suas contribuições à sociedade Brasileira. O Movimento Indígena revela e denuncia a existência da diversidade cultural e linguística com a função de articular uma nova consciência entre os indígenas e promover uma aproximação com a sociedade nacional. O que antes era visto apenas como uma presença histórica passa a ser encarado como um fato real, um movimento social com feições muito próprias. Esse movimento incentivou e motivou o surgimento de outras formas de ações, abrangendo temas específicos como educação, saúde, projetos econômicos, entre outros. Esses temas criaram novas perspectivas de atuação, sobretudo, na área da Educação com um olhar contrário ao estereótipo. Uma preocupação inicial, uma estratégia de convencimento de que os povos indígenas tinham um lugar garantido nas terras brasileiras. Dando lugar a outras imagens mais próximas da verdadeira humanidade indígena. Diferente daquelas imagens preconcebidas e empobrecedoras da rica experiência de vida que os povos originários desenvolveram ao longo de sua

trajetória, e a política indigenista fazia questão de repassar nas escolas primárias e secundárias por meio dos livros didáticos.

Assim, a atual Constituição Federal trata dos direitos dos povos indígenas de forma transversal, ampla e inovadora, ao reconhecer que reside na diversidade cultural e não na incapacidade civil a necessidade de proteção jurídica especial destinada aos povos indígenas, o que possibilitou a elaboração, nos anos que se seguiram, de farta legislação infraconstitucional indigenista, contemplando essas minorias com o direito à diversidade étnica, linguística e cultural, sem prejuízo de suas prerrogativas como cidadãos brasileiros. (MUNDURUKU, 2012, p. 37)

A Constituição Brasileira, como resultado da ampla participação política dos povos indígenas e organizações sociais, consagrou os artigos 231 e 232 específicos aos direitos indígenas, conquistando o direito de serem tratados como cidadãos brasileiros e não mais como “coisas do passado”. Como grupos que pertencem a esse território e tem direitos de ser tratados de maneira diferenciada. Colocando fim a uma abordagem eurocêntrica da temática, dando início a uma nova era de interação entre os povos indígenas e o Estado brasileiro, norteadas pelo respeito à diversidade, por meio do reconhecimento da pluralidade de culturas e da promoção do protagonismo. Podendo se organizar em instituições, associações para reivindicar, acionar o Estado Brasileiro, denunciar maus-tratos, cobrar educação diferenciada e políticas públicas para o atendimento da saúde. Também é possível ver um movimento de pessoas físicas, que vivem nos centros urbanos, e se articulam para participar da vida social, procuram espaços em diversos campos, como é o caso da literatura, sem perder sua identidade étnica, sem abrir mão de sua ancestralidade, contribuir para que o Brasil seja mais democrático e assumir suas diferentes identidades.

Reconhecer a propriedade intelectual indígena implica respeitar as várias faces de sua manifestação. Isso quer dizer que a noção do coletivo não está dissociada do livro individual de autoria indígena; nunca esteve, muito menos agora com a força do pensamento indígena configurando diferenciadas(os) estantes e instantes da palavra. Ao tomar o rumo da escrita no formato de livro, os mitos de origem não perdem a função nem o sentido, pois continuam sendo transmitidos de geração em geração, em variados caminhos: no porantim, no traçado das esteiras e dos cestos, na feitura do barro, na pintura corporal, nas contas de um colar, na poesia, na contação de histórias e outros fazeres identitários que os Filhos e as Filhas da Terra utilizam como legítimas expressões artísticas, ligando-as também ao sagrado (GRAÚNA, 2013, p. 172).

A Literatura escrita por autores indígenas existe desde os meados da década de 1970, como a Eliane Potiguara, que, em 1975, expôs o poema “Identidade indígena” como forma de testemunho de sua trajetória e de sua família. Embora antes disso o índio fosse visto em obras literárias

como personagem em histórias contadas pelo não índio, onde autores se dedicavam aos contos, cantos anônimos, lendas e tradições populares, compreendendo como manifestações da arte verbal popular, o índio não tinha voz. A década de 1970 fica marcada pelo aumento das atividades de ensino e pesquisas no ensino superior, especialmente nas pós-graduações, e iniciativas para trabalhos com as tradições orais no país, dando destaques a projetos que visavam formar e informar o leitor. Muito embora a literatura brasileira tenha bebido das fontes indígenas, esse diálogo não trouxe o reconhecimento das artes verbais indígenas.

Na década de 1980, cresce o movimento indígena por direitos territoriais e políticos, ganhando força com autorias indígenas como as obras do escritor guarani Olívio Jegue, abrindo caminhos para outros autores indígenas, sendo um deles Daniel Munduruku, que traz uma literatura escrita pensada para crianças, jovens e educadores a partir da década de 1990, com o surgimento da constituição. O Daniel Munduruku relata que não pretendia publicar suas escritas, mas mudou de ideia quando começou contar as histórias de seu povo nas escolas que trabalhava como Professor e as crianças começaram perguntar onde encontrar aquelas histórias para ler, aquela situação despertou nele a vontade de escrever para que outras crianças pudessem conhecê-las. Os povos indígenas se mantiveram atualizados por meio das narrativas recontadas oralmente ao longo da história por seus ancestrais, e buscam manter na memória elementos e tradições para impulsionar e dar continuidade a esse conjunto de manifestações e conhecimentos, que traduz um sentido de resistência e sobrevivência.

Bem-vindo, menino! Bem-vinda, menina! Os indígenas sempre contaram histórias, muito antes de 1500, quando os primeiros jurua kuery (não indígenas) chegaram ao Brasil, nossos povos já contavam histórias. A noite ao redor das fogueiras, os sábios guaranis passavam seus conhecimentos por meio de histórias; eles não tinham escrita nem escolas. Hoje muitas das aldeias indígenas tem escolas, e as crianças aprendem a ler e a escrever em suas línguas nativas e também em português. [...] Os indígenas são povos de tradição oral. Antigamente, as histórias indígenas eram contadas aos jurua kuery (não indígenas) que as escreviam e as publicavam, mas já faz algum tempo que indígenas de vários povos, como o Guarani, Munduruku, Maraguá, entre outros começaram a registrar por escrito, traduzir e adaptar suas histórias para o

português, compondo o que chamamos de literatura nativa. (Jekupé, 2013.).

Uma das grandes conquistas foi a construção de uma legislação com a formulação de diretrizes para a implementação das escolas indígenas diferenciadas e a formação dos professores indígenas. A partir da constituição

Federal de 1988, que reconhece o direito indígena à educação escolar e os processos próprios de aprendizagem. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 9.394/1996) institui uma educação bilíngue e intercultural como dever do Estado. A Lei 11.645/2008, torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros nos ensinos fundamental e médio, nas escolas públicas e privadas, sendo ministradas no âmbito de todo o currículo escolar, especialmente nas áreas de educação artística, literatura e história brasileira, com a perspectiva de aproximação da escolarização e das culturas indígenas.

Com os avanços do debate pedagógico em torno da Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e das Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008 (que tornaram obrigatório o estudo de história e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nos ensinos fundamental e médio nas escolas públicas e particulares brasileiras), promovendo o compromisso de sua aplicação por meio de um conjunto de ações formativas que pretendem garantir o estudo e a discussão a cerca da importância das culturas indígenas, na formação da identidade brasileira. (CAETANO, 2019, p. 3).

### **3. AUTORES INDÍGENAS NA LITERATURA INFANTIL**

Uma grande quantidade de obras de escritores indígenas foi publicada no Brasil nos últimos anos, porém, como se vê, parte desses autores vem percorrendo um caminho literário anterior a constituição.

A partir do 1º Encontro Nacional de Escritores Indígenas, foi criado em 2004 o Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas (NEArIn), vinculado ao Instituto Indígena Brasileiro para propriedade Intelectual (INBRAPI) com a participação de escritores indígenas como: Eliane Potiguara, Graça Graúna, Olívio Jekupé, Edson Kayapó, Cristino Wapichana e Daniel Munduruku, com finalidade de promover a literatura indígena e a atividade profissional dos indígenas escritores, uma grande conquista para a produção literária indígena no país.

Desde então, o envolvimento dos escritores indígenas com a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil vem crescendo. Em 2004 aconteceu o primeiro concurso, chamado concurso FNLIJ Curumim – Leituras de Obras de Escritores Indígenas. O segundo, Concurso FNLIJ Tamoios, realizado como uma ação de fortalecimento dos escritores indígenas, que a partir de 2006 assume parceria com Núcleo de Escritores e Ilustradores Indígenas (NEII). Em 2013 acontece o terceiro concurso a partir de relatos e reflexões de professores e educadores brasileiros sobre o uso de obras indígenas em salas de aula, dando visibilidade aos escritores. Muitos projetos desde então, foram criados

pensando no coletivo. Voltados para que os autores indígenas pudessem interagir no mundo editorial, conhecer outros autores, ocupar os espaços, criar pontes e fazer literatura.

Com esse movimento surge o instituto UKA (casa dos saberes ancestrais) com a proposta de juntar esses saberes. Um espaço de referência para divulgar a literatura indígena, instrumentalizar os autores para correr atrás dos próprios destinos, atuar na formação de Professores não indígenas para trabalhar com essa temática.

“Todos os contos que eu lia eram sempre escritos pelos não indígenas, e isso me deixava preocupado e triste. Mas um dia tínhamos nossos contos, escritos por mim e muitos outros indígenas do Brasil.” (Olívio Jekupé, 2009; p. 13).

O escritor Olívio Jekupé começou a escrever por volta de 1984 e publicou de forma independente, arcando com as próprias despesas e entende que a realização da literatura de autoria indígena no Brasil depende de pressão e mobilização dos próprios escritores. Olívio Jekupé mostra consciência que é necessário incentivo e apoio dentro do próprio grupo e também para aqueles que estão iniciando, para que consigam avançar. Lutando sempre para não perder suas línguas, seus costumes, e assim, manter suas histórias.

Segundo a autora Graça Graúna (2013), embora a leitura da produção literária tenha crescido bastante, pode se afirmar que, no momento das primeiras produções literárias, os escritores liam entre si e ainda hoje lutam para ampliar esse cenário junto as editoras.

Eliane Potiguara (2012) declara que o movimento indígena era autoeducativo, que além de educar a si mesmos, ele tinha a finalidade de conscientizar. O que resultou na necessidade de formular uma nova educação no Brasil. Ela fala da conquista de uma educação diferenciada, da formação de Professores indígenas, da necessidade e do desejo de seu povo de ocupar os espaços. Da vontade de escrever, se manifestar, tornar protagonistas e narradores de suas histórias, sem mediação ou interpretação, tanto no processo da educação e também na literatura, e sem os estereótipos que marcaram a figura indígena em outros movimentos literários. A literatura indígena chega à crianças e adolescente como uma boa

estratégia, para a construção de um pensamento nacional indígena, ensinando o leitor não indígena a repensar a história, a memória, os imaginários simbólicos impregnados no imaginário nacional.

Outra conquista importante foi a participação de autores como o Daniel Munduruku e Cristino Wapichana (2019) na construção do caderno “povos indígenas” no Currículo da Cidade, da rede municipal de São Paulo, 2019. Um material totalmente dedicado às culturas dos povos indígenas. O documento traz reflexões sobre a presença dos povos originários no território nacional, sua diversidade, culturas, ancestralidade, seguindo o ritmo da oralidade e contando histórias tradicionais. Em sintonia com os avanços dos debates pedagógicos em torno das Leis citadas anteriormente, ele traz uma lista de obras sobre a temática indígena, para todos os gostos, idades e séries escolares, além de uma bibliografia voltada para a atualização dos educadores, escritos por autores indígenas, e por autores não indígenas, que vem buscando atualizar seus conhecimentos para desenvolver suas histórias e narrativas, com um novo olhar, com conteúdo bem pensado para não repetir os equívocos. Esse documento traz também uma lista de temas que podem ser trabalhados com as crianças a partir da literatura (indígena ou não) como mitologia, fábulas e narrativas; meio ambiente; jogos e brincadeiras; ritos e rituais; velhos, idosos e sábios; papéis sociais; culinária e saúde; e por fim, outras versões de histórias, o que ajuda a criar uma consciência mais cidadã e participativa. Atividades com elementos da natureza, músicas, danças, pinturas corporais, vídeos, encenações, passeios em aldeias, com a expectativa de aproximar as culturas indígenas da criança não indígena, criar uma consciência crítica e reflexiva para transformar a maneira de olhar o mundo, se perceber dentro de um contexto e reconhecer sua identidade étnica. Lembrando que a maneira de educar passa pelo afeto, pela dedicação e pela confiança das crianças.

Esse material é um portal que se abre para oferecer um tratamento novo, honesto, digno e humano para os povos indígenas. É a porta da frente que queremos oferecer porque entendemos que a cidadania se constrói dignificando os cidadãos, todos eles, sempre. Os povos indígenas ganham, nesse material, seu merecido papel de anfitriões, de primeiros povos, de primeiras nações, de primeiros brasileiros. É nossa maneira de honrar nossa história, nossa pátria, nossa terra, nossa identidade brasileira. (CAETANO, 2019, p 3)

#### **4. PROJETO “MEU LUGAR NO MUNDO”**

De acordo com a proposta de trabalho da disciplina Literatura Infante Juvenil, do quinto semestre do curso de pedagogia, o Professor lançou o desafio de buscar na internet uma sequência didática para os anos iniciais, analisá-la criticamente, verificando se está de acordo com os princípios da BNCC, apontar pontos positivos e negativos, reelaborar essa sequência, acrescentando ou excluindo atividades e adaptar conforme entenda ser mais adequado, buscando propor um trabalho interessante e estimulante para dialogar com a criança a respeito do tema escolhido. Optei pela Literatura Indígena por ser um tema que já vinha desenvolvendo com as crianças no centro de convivência onde trabalho e sentir a necessidade de abordar essa temática no cotidiano. A sequência didática a ser analisada foi encontrada no blog Professora Alfabetizadora, postada em 25 de outubro de 2015. As atividades interdisciplinares entre Língua Portuguesa, História e Arte, voltadas para a alfabetização e letramento, contemplam bem o objetivo geral que tem como finalidade identificar o nível de conhecimento das crianças sobre o universo indígena; caracterizar o espaço ocupado pelo índio; seus hábitos e costumes. E os objetivos específicos: Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país; utilizar diferentes linguagens, (verbal, gráfica, plástica e corporal) como meio de produzir, expressar e comunicar suas ideias; utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimento; desenvolver a coordenação motora, movimentos na dança, sequência e ritmo. Tendo como proposta de atividades a leitura colaborativa, rodas de conversa, desenho, leitura de imagem, música e dança, vídeo, texto informativo, confecção de cartazes, análise de brincadeiras e pesquisa sobre o tema. Utilizando o Livro “Kabá Darebú” do autor indígena Daniel Munduruku como recurso.

Após analisar essa sequência, apontar os pontos positivos e negativos e alinhá-la à BNCC, (lembrando que em 2015 quando ela foi publicada a BNCC ainda não estava em vigor), reelaborei, pensando em propor atividades mais voltadas para a

valorização da literatura como arte. Mantive algumas habilidades, alterei algumas atividades e a forma de desenvolvê-las utilizando o mesmo livro. Trazendo reflexões sobre culturas, vínculos, convivência, sentimento de pertencimento, ancestralidade, preconceito e persistência. Busquei outras habilidades adequadas para minha proposta de trabalho afim de desenvolver a competência específica - Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como forma de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BNCC, p. 87), com o objetivo de oportunizar à criança o contato com obras literárias de temas diversos e desenvolver o gosto pela leitura; interagir com o texto e estimular a prática da leitura de forma prazerosa; levando-a a ampliar a imaginação, desenvolver a oralidade e enriquecer o vocabulário.

Ao reelaborar essa sequência como forma de avaliação para disciplina de Literatura Infante Juvenil, ao qual chamei o projeto de “Meu lugar no mundo”, vi a possibilidade de aplicar na prática com crianças de seis a onze anos, no Centro de convivência onde trabalho, dentro do tema mensal “O mundo dos gigantes”. O trabalho se desenvolve da seguinte forma:

**1º passo:** Apresentar para as crianças o vídeo “Povos indígenas”, narrado pelo Daniel Munduruku, e fazer uma reflexão sobre vínculos familiares, convivência, sentimento de pertencimento dentro dos espaços, a fim de identificar a relação entre suas histórias, a história de suas famílias e de sua comunidade e reconhecer o seu lugar no mundo. Apresentar a biografia do autor (sua origem, sua formação acadêmica, cargos que ocupam, livros, prêmios, as lutas e ideais que os autores indígenas defendem por meio da literatura) e solicitar que cada um escreva sua autobiografia, se assumindo como personagem principal.

**2º passo:** Ao fazer a leitura do livro sugerido, “Kabá Darebú”, fazer uma análise dos elementos da composição narrativa (personagem, enredo, tempo e espaço); identificar detalhes importantes da cultura do povo Munduruku; identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras de outras épocas e lugares; identificar alimentos de origem indígena que fazem parte de nossa culinária. Após essa análise a turma deve recontar a história seguindo um roteiro, com a ajuda do Educador, que vai registrando a fala das

crianças em um cartaz gigante que poderá ser ilustrado pelas mesmas para ser exposto. Confeccionar brinquedos e jogos fazendo uso de materiais sustentáveis que também poderão ser expostos. Para finalizar o projeto pensei em um dia com uma rotina diferenciada que chamei de “Café com cultura”, onde o espaço deverá ser organizado com os objetos confeccionados pela turma (cartaz e brinquedos) e outros objetos (instrumentos musicais, peças de artesanatos) das culturas indígenas para compor o cenário, um cesto com livros de autores indígenas e uma mesa com alimentos típicos citados no livro, (inteiros, com casca), e outros prontos para degustar.

No primeiro momento as crianças ficarão livres para apreciar as obras, conhecer outros livros, folhear, ver imagens, fazer leituras, de forma autônoma, em grupos ou mediada pelo Educador, conforme escolha dos mesmos.

No segundo momento as crianças farão uma brincadeira em círculo, com a música Yapo do grupo palavra cantada, e em seguida ficarão livres para brincar com os brinquedos e jogos confeccionados por eles ou mesmo reproduzir algumas brincadeiras citadas no livro.

No terceiro momento as crianças serão convidadas a conhecer os alimentos na sua forma natural e degustar a parte que estará pronta para ser consumida.

No quarto momento, novamente em círculo, para encerrar o evento, as crianças deverão recontar histórias que ouviram ou leram em algum momento, relembrar quem é a pessoa na família que faz esse papel de trazer as histórias, exercitando a oralidade e, em seguida, poderão criar uma história colaborativa baseando no conhecimento adquirido durante o desenvolvimento dessas atividades, com o jogo “rolando o dado” que traz em cada lado do dado uma sugestão de como iniciar a história, e assim, cada criança vai contribuindo para essa construção, que no final o Educador poderá ler mostrando para todos o resultado final.

Ao apresentar esse trabalho em sala de aula e ser bem aceito pelos meus colegas de turma, fui encorajada pelo Professor a apresentar para outras turmas e Professores, dentro do Circuito Educa/Ação, promovido pela universidade, onde também teve uma boa aceitação. O que veio mais a frente me servir de inspiração para escrever esse artigo, com o objetivo de dar

visibilidade a essa temática, trazê-la para discussão e promover oportunidades de aproximá-la do público dos anos iniciais.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os povos indígenas estão presentes no Brasil desde antes da chegada dos europeus, tinham seus próprios estilos de vida, o que foi sendo aprimorado ao longo do tempo, movido pelo instinto de sobrevivência, criando uma compreensão da humanidade e repassando de geração em geração por meio da oralidade. Aproximadamente 900 povos que falavam entre si em torno de 1100 línguas diferentes habitavam aqui naquela época, foram perseguidos, maltratados, escravizados e desmoralizados culturalmente. Atualmente 305 povos habitam esse país, falam em torno de 274 línguas nativas e trazem consigo o dilema da existência que está presente na dimensão de cada cultura. Cada um desses traz em suas culturas, os dramas e as experiências com outros povos. Os Tupinambás tiveram o primeiro contato no século XVI e ainda hoje estão presentes no nordeste do Brasil, diferente dos xavantes com pouco mais de 50 anos de contato, e existem ainda os que vivem isolados, sem nenhuma experiência de contato com a sociedade brasileira e mantêm suas culturas intactas. Após a aprovação dos direitos constitucionais, mas ainda não totalmente efetivados, os povos indígenas se organizaram politicamente, e a demanda por uma educação diferenciada fez com que alguns jovens e adultos ingressassem no mundo acadêmico pensando nas possibilidades futuras. Além disso, devido as necessidades econômicas das próprias comunidades indígenas fez com que seus integrantes buscassem outras alternativas na cidade, ocasionando o crescimento de uma população indígena vivendo em contexto urbano, que luta para não perder seus costumes e manter suas culturas, com carências materiais, de terra, de escolas, saúde, e alimentos, gerando problemas sociais ainda não dimensionados, mas que já se pode perceber que será necessário repensar a política indigenista brasileira.

Dentro desse contexto a literatura indígena surge como novo instrumento para denunciar um País que ainda não se concretizou. Segundo o autor Daniel Munduruku (2021), o Brasil é um projeto inacabado, que ainda não se deu conta de pensar a questão da identidade nacional e se reconciliar

com seu passado. Ele disse que o Brasil, para se constituir como uma grande nação, precisa fazer o caminho de volta e encontrar na sua ancestralidade uma forma diferente de fazer educação, olhar para a sabedoria dos povos originários, que respeita e valoriza sua memória. Existem hoje no Brasil mais de 50 autores indígenas de etnias diferentes, que revelam em suas obras esse caráter educativo, com textos próprios, bem estruturados, com autonomia de escrita. Algumas editoras abriram portas para publicação dessa literatura e a livraria Maracá, idealizada pelos próprios autores, realiza um trabalho específico sobre a temática, produz livros somente de autores indígenas, voltados especialmente para o público infante juvenil e faz as próprias vendas virtualmente. Muitos desses autores são reconhecidos no âmbito nacional e internacional e premiados pela UNESCO, JABUTI, CNPq, entre outros. Muitos de seus livros receberam o selo altamente recomendável pela FNLIJ, porém, vale lembrar que essa visibilidade não se deu em um passe de mágica e sim, como resultado de uma longa caminhada.

“... Atento mais uma vez ao fato de que essas conquistas não foram um presente oferecido às populações indígenas, e sim direitos conquistados a duras penas. Essas populações continuam enfrentando outros setores da sociedade que defendiam -e defendem- seus próprios interesses econômicos e que também levantam questionamentos quanto a capacidade indígena de viver de acordo com suas tradições, sem levar em consideração suas características culturais. Infelizmente, ainda é comum os meios de comunicação trazerem manchetes em que desqualificam as populações indígenas ou generalizam seus conteúdos a fim de jogar a opinião pública contra esses povos. Isso mostra que, mesmo com as conquistas constitucionais, há uma campanha permanente contra os indígenas, suas instituições, suas comunidades, e seus direitos.” (Daniel Munduruku, pag. 75).

É possível perceber que mesmo após muitas conquistas políticas, os povos indígenas ainda são considerados um entrave para o progresso. Esses pensamentos são demonstrados por grupos econômicos pelo interesse em suas terras, ricas em minérios, que atizam a cobiça de diferentes grupos e empresas, nacionais e internacionais. Daí a importância de apresentar essa temática para as crianças desde pequenas, aproximá-las desse conhecimento e dar-lhes a oportunidade de conhecer a história por outra ótica. Perceber que os povos indígenas não ficaram no passado, são povos do presente, que tem a literatura como uma ponte para ligar pensamentos, um instrumento para provocar, gerar reflexões para que o mundo possa ser visto pelos olhos da diversidade, da ancestralidade e contribuir para a construção da identidade nacional.

## Poema: COMO TREINAR OLHOS E CORAÇÕES

“Nossa sociedade brasileira é plural. Essa é uma verdade incontestável que precisa ser repetida vezes sem fim para começar a fazer eco nas entranhas de nossa sociedade brasileira.

Ser plural significa aceitar em nós a composição de nossa diversidade, conviver com ela, ter orgulho, sentir-se parte da história que está o tempo todo sendo escrita por cada brasileiro não importando sua origem ou, ainda, que tenha vindo de outras terras e se tornado filho adotivo daqui.

Ser plural significa conhecer nossa diversidade nativa pelo nome e não pela fragilidade de um apelido que desqualifica mais que dignifica a experiência de humanidade que ela traz consigo.

Ser plural é olhar para dentro de nós mesmos; é encontrar e reconhecer que somos mais que uma afirmação. É entender que somos a confirmação de uma humanidade nova que nasce com a capacidade de convivermos com os diversos mundos que habitam nossa brasilidade. [...]” (Daniel Munduruku e Cristino Wapichana, p. 108).

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me possibilitar realizar esse sonho, por colocar pessoas tão especiais e capacitadas em meu caminho. Dando-me condições e sabedoria para prosseguir, nesse momento tão difícil.

A meus pais, pela educação, pelo exemplo de persistência e superação que recebi deles, ensinando-me a seguir em frente, sempre.

A minha família e amigos, pela compreensão, pela torcida, por me incentivar e por acreditar que eu seria capaz.

As minhas colegas de turma, pela paciência para com a minha pessoa, por compartilhar material, por servir de inspiração e motivação para que eu pudesse continuar acreditando que seria possível.

As minhas colegas de trabalho, por me encorajar, por acreditar em minha capacidade, pela compreensão em relação ao tempo, dúvidas e angústias.

As crianças do centro de convivência onde trabalho, por vibrarem com meus resultados, por dar sentido a minha busca de conhecimentos, por me motivar a ser cada dia uma pessoa melhor.

Aos meus Professores do curso de Pedagogia, Marli Maria, Ieda Barbosa, Ana Capitânio, Ana Cecília, Luana Canto, Rita Menegon, Vera Ponciano, Jovino Balbinot, Simone Preciozo, Givanildo Farias, Nádia Maria, todos os Professores anteriores a faculdades e todos aqueles que contribuíram mesmo que indiretamente para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao Professor Vanderlei Maciel, que se reinventou para que eu conseguisse acompanhar as aulas, tornando-me mais participativa em um momento que eu temia não ser possível continuar. Por me fazer olhar para a literatura com outros olhos, mostrando-me inúmeras possibilidades para abordá-la de forma divertida e prazerosa, abrindo caminhos para chegar ao tema escolhido para o meu TCC.

A Professora Marília Dorador, minha orientadora de TCC, pelo apoio, pelo suporte, pelas orientações, por entender e transmitir segurança no momento de minhas angústias e pela sua competência na condução das pesquisas.

A minha irmã Lia e sobrinho Brenno, que viraram noites me ouvindo, me confortando, me auxiliando em pesquisas, dando sugestões, editando vídeos e orientando sobre a tecnologia. E ao sobrinho Diego, de 7 anos, por valorizar minhas ações e por me dizer o quão incrível eu poderei ser como Professora.

As minhas filhas Anna Karoliny e Rafaella Lira, por todo apoio, por acordar na madrugada para me ajudar postar atividades, revisar textos, fazer slides, se tornar meus braços direito e esquerdo e tornar esse sonho possível. Sem vocês eu não teria chegado até aqui.

Por fim. Ao meu avô Afonso (in memórian), que dizia, quando eu era ainda criança e o auxiliava na leitura das cartas, que eu chegaria longe. Suas palavras têm me dado muita força nesse momento. Queria que estivesse aqui para ver onde estou chegando.

## REFERÊNCIAS

A CHAVE do meu sonho: ou como um parafuso frouxo fez-me encontrar a chave e o sonho a. Produção: Daniel Munduruku. Intérprete: Daniel Munduruku. São Paulo: [s. n.], 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/dmunduruku/videos/574641977146684> Acesso em: 21 out. 2021.

ARANHA M. L. A.; SAVIANI, D. **História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.

AULA Magna. Produção: UFPR. Paraná: Universidade Federal do Paraná, 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

DENIZE. Sequência Didática. *In: Professora Alfabetizadora*. Lorena, 28 nov. 2021. Disponível em: <http://difcorujinhaamiga.blogspot.com/2015/10/sequencia-didatica.html?m=1>. Acesso em: 11 out. 2021.

GRAÚNA, G. **Contrapontos da Literatura Indígena Contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2013

CAETANO, B. Caros Professores. *In: CURRICULO da Cidade: Povos Indígenas*. São Paulo: [s. n.], 2019. p. 03-03.

JEKUPÉ, O.; KARAI, L. As Queixadas. *In: As Queixadas e Outros Contos Guarani*. São Paulo: FDT, 2013.

LISBÔA, P. V. A. **O escritor jekupé e a literatura nativa**. Dissertação (Antropologia Social)—Unicamp, Campinas, 2015.

MUNDURUKU, D. Somos Aqueles por Quem Esperamos. *In: CURRICULO da Cidade: Povos Indígenas*. São Paulo: [s. n.], 2019. p. 74-78.

MUNDURUKU, Daniel; WAPICHANA, Cristino. Para Treinar Olhos e Corações. *In: CURRICULO da Cidade: Povos Indígenas*. São Paulo: [s. n.], 2019. p. 106-109.

MUNDURUKU, D. **O Caráter Educativo do Movimento Indígena Brasileiro: (1970–1990)**. [S. l.]: Paulinas, 2012.

POTIGUARA, Eliane. Eliane Lima dos Sa: Caráter Educativo do Movimento Indígena. *In: MUNDURUKU, Daniel. O Caráter Educativo do Movimento Indígena Brasileiro 1970-1990*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. cap. Eliane Lima dos Santos, p. 119-132

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. [S. l.]: Companhia das Letras, 1995.

THIÉL, J. C.; QUIRINO, V. F. S. A Literatura Indígena na Escola: um caminho para a reflexão sobre a pluralidade cultural. **X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO: EDUCERE, CURITIBA**, ano 2011, p. 6630-6641, 12 set. 2021.